



## A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA FIGURA FEMININA NA MÚSICA 'ALGO POR VOCÊ' DOS ENGENHEIROS DO HAWAII<sup>1</sup>

Josiany Sotolani\*

### RESUMO

A proposta deste artigo é analisar a construção (ou desconstrução) da identidade feminina feita na música **Algo por você**, dos Engenheiros do Hawaii. Numa breve introdução, contextualizamos sobre a influência da música em nossas vidas. Dado este fato, justificamos a escolha pela música aqui estudada, pois se trata de uma letra riquíssima de sentidos e significações. Ela tira o 'véu', sem tal pretensão, sobre quem precisa fazer algo por quem. É um grito de guerra à busca da própria mulher pela sua identidade, a que ela acha que foi perdida pela história, e que só depende dela para recuperar. A música foi analisada sob a luz da análise de discurso, sob os conceitos de sujeito, identidade e formações discursivas.

**Palavras-chave:** Letras. Linguística. Análise de Discurso. Música. Figura Feminina. Engenheiros do Havaí.

### 1 INTRODUÇÃO

A música, pode-se dizer, é a mais popular manifestação cultural de um povo. Há músicas que falam sobre política, outras falam de problemas sociais, há as que ironizam situações de um determinado momento histórico, outras falam de sentimentos e há ainda as que exteriorizam um modo de vida. Independente do assunto em questão, a música difunde ideias, sobretudo, propaga discursos.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir do trabalho apresentado à disciplina de **Análise do Discurso: a linguagem no contexto Social**, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2011, sob a orientação da professora Dra. Tânia Pitombo de Oliveira.

\* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2008. cursando a Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT/SINOP (2011/2012).

O homem é, por natureza, um ser musical. Em todos os momentos de nossas vidas somos envolvidos por sons, desde o nascimento, no acalento do colo da mãe até ruídos que nos causam arrepios na infância, som que nos trazem boas ou más lembranças. A música desperta recordações em quase todos os momentos de nossas vidas. Mas cada indivíduo escuta e/ou procura escutar músicas que se adéquem a sua situação ou realidade social. Por exemplo, as músicas sertanejas que comumente falam de amor, ou de traições e abandonos e são ouvidas pelos enamorados e/ou abandonados.

Dentre todas as linguagens e todas as artes, a música é a superior porque afeta diretamente a Vontade, quer dizer, os sentimentos, paixões e emoções do ouvinte. É a música que melhor representa as forças inconscientes que motivam nossas representações do mundo. É a forma de conhecimento que, no seu poder revelatório, nos libera mais completamente do mundo ao qual estamos ligados através da força intolerável da Vontade (CARRITT apud SANTAELLA, 1994, p. 89).

Traçando essa ideia de que ouvimos música conforme essa Vontade, aquele que escreve também parte de sua Vontade. O escritor, ou letrista, expõe na música sua visão de mundo, ou sua visão sobre determinado assunto, suas emoções e paixões. Ali argumenta e utiliza-se de elementos sociais (ou de mundo) para transmitir sua mensagem. O autor conversa com o ouvinte.

O artista é antes de mais nada um relator de seu tempo. Um relator privilegiado, que tem a condição de captar e transmitir aquilo que todos estão sentindo, mas não conseguem materializar em discurso ou obra. [...] Cabe ao artista captar uma série de informações que estão no ar e codificar essas informações, através da arte, em mensagem para o público. Essa codificação não implica limitação, mas, isto sim, retransformação através de outros canais. (COHEN, 2004, p. 87).

Sendo, então, o artista o relator de seu tempo, ele escolhe o que transmitir. Faz um recorte sutil e envolve o assunto numa trama musical. E é com essa trama, com a melodia e a letra que ele passa seu recado, aos que o querem passar. Humberto Gessinger, compositor e líder da banda Engenheiros do Hawaii, sob esta ótica, é um grande leitor de seu tempo. A banda, que existe desde 1985, sempre tematizou canções com letras extremamente significativas e carregadas de significados. O artista fala bastante sobre as relações humanas, sejam elas políticas, sociais ou emocionais.

A música **Algo por Você** (em anexo A) retrata, de forma até mesmo sutil, a condição de ser mulher, a divisão e diferenciação dos gêneros, o que pode existir ou pode apenas ser uma ilusão criada por nós. Interessante ver como o artista pauta seus argumentos na/pela ambiguidade, o que nos remete a própria ambiguidade do que é ser mulher.

Para a análise da música procuramos nos pautar nos princípios da Análise do discurso ao que se refere à construção da identidade, da construção do ‘ser’ mulher enquanto sujeito social, formado na/pela sociedade.

A identidade vai sendo construída ao longo da vida através das relações sociais que o indivíduo tem. Levando em conta aquilo que ele gostaria de ser e o que realmente é. Pois, segundo Marisa Grigolletto, em seu artigo *Leitura sobre Identidade* (2006), “as identidades são construções sociais situadas culturalmente, que conseqüentemente, tem uma relação inescapável com a alteridade” (apud GODOI e BARACUHY, 2008, p. 4).

Não há, para isso, como falar de sujeito e identidade sem passar pelo que significa uma formação discursiva, pois de acordo com Orlandi (2005, apud GODOI e BARACUHY, 2008, p. 4), “[...] a noção de formação discursiva (FD) permite-nos observar – e qualificar – as diferenças produzidas na textualização do discurso [...]”, uma vez que é nas FDs que se inscreve o sujeito. Assim, todos os dizeres que circulam na sociedade se inscrevem dentro de uma determinada formação discursiva, pois o sujeito se constrói, constrói sua identidade sendo também determinado pelo momento histórico-social em que se encontra. Porém, conforme define Godoi e Baracuhy (2008, p. 5):

Uma formação não é um espaço estruturalmente fechado, homogêneo, ao contrário, esse conceito se define constitutivamente heterogêneo, um entrecruzamento de diferentes discursos que vêm de outro lugar, outro contexto histórico, por outras posições-sujeitos, mas ressignifica do sob novas condições de produção.

Pensando, então, sobre o que é a identidade ‘mulher’, a identidade social do ‘ser’ mulher é que analisaremos a música **Algo por Você**. Aqui apresenta-se uma análise que poderíamos dizer um tanto superficial, levando em consideração todas as possibilidades que a letra apresenta e que o mecanismo teórico de análise nos oferece. Porém, de forma sutil apresentamos nossa argumentação pautada nos princípios que julgamos aqui cabíveis.

## **2 ANÁLISE DO CORPUS**

“Hey, garota, não fique esperando o telefone tocar/ Os homens são o que são e são todos iguais/ O difícil é saber quem é clone de quem”.

No primeiro verso da música o artista afirma “não fique esperando o telefone tocar”, o que nos remete a ideia de mulher submissa, aquela que sempre espera, a mocinha que aguarda seu príncipe, imagem essa tão conhecida socialmente. O escritor dá uma bronca nessa mulher,

nesse modelo de mulher estigmatizado, com a afirmação “hey, garota”, falando para ela: “acorda, não é mais assim que as coisas funcionam”. Para justificar essa bronca, ele completa: “os homens são o que são e são todos iguais”. E o que são os homens? Por que não esperar por ele? Aqui o escritor revela a identidade deste homem. Ele não é um ser perfeito. Ele é o que é. E todos são iguais.

Ele termina o verso com “o difícil é saber quem é clone de quem”. Frase ambígua. Ao falar que todos os homens são iguais, pode-se justificar esta afirmação: qual homem é clone de qual, porém, como veremos mais a frente, pode-se entender também em relação ao homem e à mulher, quem é clone de quem. O que nos remete a história bíblica de Adão e Eva, na qual Eva foi feita a partir das costelas de Adão. Pensando sob esta ótica, é possível entender que a bronca inicial de que ‘não espere’, justifica-se por ele afirmar que homens e mulheres são iguais, vieram do mesmo lugar, um do outro, portanto, mesmos erros, mesmas ilusões.

Se todos são iguais e são o que são, ao serem clones, essa identidade inicial é desconstruída, ou pode-se até dizer que é desmascarada. Se pensarmos na história da conquista do espaço social feminino, veremos que inicialmente se justificaria essa mulher fragilizada, marcada pela história, porém ele tira o véu dessa ideia, e mostra que homens e mulheres têm o mesmo espaço (teoricamente), então não há mais porque a mulher esperar, e esperar seja o que for.

“Hey, garota, não fique esperando o telefone tocar/ De volta ao passado, tecendo tapetes,/ Esperando o guerreiro voltar”.

Nesta estrofe temos uma referência clássica da literatura grega: “de volta ao passado, tecendo tapetes. Esperando o guerreiro voltar”. Refere-se a triste saga de Penélope, em A Odisseia, a esposa zelosa que para se guardar para seu marido, perdido no mar, tece um tapete interminável. Sinal este do amor e da submissão dela (aqui das mulheres em geral). O autor afirma novamente a bronca inicial e completa: não fique esperando, como no passado, como a história mostra, uma afirmação masculina, para saber qual é o seu lugar.

Neste trecho nota-se a construção de uma nova identidade, partindo de uma anterior, massificada. O autor retoma o passado para afirmar o que fazer (ou não fazer) a partir daí, da consciência de sua posição. Citando Silva (2000, p. 82) “[...] dizer o que somos significa também dizer o que não somos [...]”. Assim, ao dizer “não fique esperando” e “de volta ao passado”, o autor sugere para mudar a posição inicial de espera, (re) construir uma identidade diferente da já conhecida.

“Já lhe fizeram sofrer demais/ Já lhe fizeram feliz demais/ Tá na hora de você mesma fazer/ Algo por você/ Só você pode fazer”.

Notamos neste trecho dois extremos. Sofrer demais ou ser feliz demais acaba não tendo diferença, como mostra o escritor. Por que quem fez, foi o outro, foi um terceiro. E é demais. O que ele procura ressaltar é que independente do sentimento, ele tem que partir de dentro. É um apelo para que se comece uma mudança interna, no modo de pensar. Por isso, na sequência ele afirma: “tá na hora de você mesma fazer algo por você”, e reitera “só você pode fazer”.

Saindo desse contexto histórico de mulher fragilizada, marginalizada, que mesmo tendo feito grandes conquistas no campo social, emocionalmente ainda se encontra submissa. O autor ressalta que só ela pode mudar sua vida, social ou emocionalmente falando. Não precisa esperar que um ‘príncipe’ venha num ‘cavalo branco’ salvá-la. Ela pode tomar as rédeas de sua vida. Vemos aqui a noção de alteridade. Ela se constitui pelo/no outro. “Não há consciência de si sem consciência da existência do outro é na diferença entre si e o outro que se constitui o sujeito [...]”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 226).

“Hey, garota, o dia já passou, não deixe a noite passar/ Passe um batom, ou não, e vá se divertir/ Você vai descobrir quem é clone de quem”.

Neste verso é interessante notar como o autor brinca com a simbologia: “o dia passou, não deixe a noite passar”. Se pensarmos que dia nos remete a luz e noite ao breu, numa breve análise podemos deduzir que se a mulher não se libertou às claras, ainda há tempo de o fazê-lo no escuro, na surdina. Pode-se dizer, de certa forma, que a mulher não se liberta totalmente de suas amarras. É tudo obscuro, o que acontece sem acontecer.

Em seguida ele diz “passe um batom, ou não, e vá se divertir”. O batom, pela primeira vez na música nos remete a um símbolo de sensualidade, vaidade. Numa frase inicialmente imperativa ele propõe à mulher que seja vaidosa, que se utilize de sua sensualidade. Mas em seguida ele diz ‘ou não’, seja vaidosa ou não. Pois o que ele mostra é que é para mulher ser simplesmente ela, ser feliz por ela, ter vaidade por ela. O importante é se divertir, seja do jeito que for.

O mais curioso deste verso é a última frase: “você vai descobrir quem é clone de quem”. No primeiro verso da música ele falou “difícil é saber quem é clone de quem”. Ao

usar o ‘você’ o autor propõe uma análise mais pessoal. Ao sair, se divertir, você acaba descobrindo quem é quem afinal. Como se ele falasse que estando lá você vai saber. Ou para saber você tem que fazer parte. E ainda podemos dizer que ao sair, ao assumir sua própria vida, a mulher descobre, ou não, quem é quem. O que é ‘ser’ homem e o que é ‘ser’ mulher, o que acaba sendo a mesma coisa. O autor afirma: você vai descobrir. Como uma constatação. Fazendo isso ele desconstrói novamente o homem idealizado, o herói. Pois ele coloca ambos no mesmo patamar.

“Hey, garota, faça um favor: não fique esperando/Faça algo por você/ Hey, garota, faça um favor: não fique esperando/ Faça algo por você”.

O tom de bronca inicial, mesmo ainda usando o imperativo, aqui deixa espaço há uma sugestão: “faça um favor”, “não fique esperando, faça algo por você”. O artista novamente nesse trecho destaca para que a mulher não permaneça em estado neutro, não fique esperando alguém fazer algo por ela, ele instiga para uma mudança.

“E só você pode fazer”.

A afirmação da última frase formaliza uma transição de poder, ou seja, o que antes parecia depender dos outros, passa a ser responsabilidade dela, e só ela que pode fazer acontecer, ou o fazer descobrir proposto pelo artista ‘quem é clone de quem’.

Assim, o artista constrói na música uma nova identidade, ou a suposição de uma nova identidade, de um novo lugar social para a mulher. Não que ele já não exista, ele apenas constata que mudanças podem ser feitas, sempre puderam e sempre poderão, mas elas partem de dentro para fora. Primeiro é preciso existir a vontade de querer ser e/ou fazer.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi demonstrado na análise, o autor formula um grito de liberdade às mulheres. Enquanto homem ele diz: “não espere por mim”, “faça você mesma”. Para Woodward (2000, p.17): “É por meio dos significados produzidos pela representação que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos”. Então, podemos concluir que o ser social mulher se constitui pela representação social do que ‘acredita’ ser, porém há o que ‘poderia’ ser. E o que poderia ser depende da sua leitura, do seu querer. Para Humberto Gessinger, sintetizado na música

aqui analisada, o querer ser só depende de nós. Não há diferença, tanto nas imperfeições quanto nas qualidades do que é ser homem ou mulher.

O sujeito para se constituir sujeito social, não depende exclusivamente de gênero, isso acaba sendo apenas o trivial. Mas aqui cabem outras discussões e argumentações, que ficam para uma próxima análise.

## **(DE)CONSTRUCTING IDENTITA FIGURE OF WOMEN IN MUSIC 'SOMETHING FOR YOU' OF ENGINEERS OF HAWAII**

### **ABSTRACT<sup>2</sup>**

The purpose of this paper is to analyze the construction (or deconstruction) of female identity in made music **Something For You**, of the Engineers of Hawaii. In a short introduction, contextualize the influence of music in our lives. Given this fact, we justify the choice of music here studied because it discusses of a words rich of senses and meanings. It takes away the "veil", no such pretension about who needs to do something by whom. It's a war cry to the search of woman's own by her identity, which she thinks has been lost by history, and that only depends hers to recover. The music was analyzed in the light of discourse analysis, under the concepts of subject, identity and discursive formations.

**Keywords:** Languages. Linguistics. Discourse Analysis. Music. Female Image. Engineers of Hawaii. Eni Orlandi.

### **REFERÊNCIAS**

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: contexto, 2004.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GESSINGER, Humberto; DELUQUI, Fernando. **Algo por você: simples coração**. Rio de janeiro: BMG, 1995.

GODOI, Edileide de Souza; BARACUHY, Maria Regina. **A produção social da identidade no discurso publicitário da culinária paraibana**. 2008. Disponível em:<

---

<sup>2</sup> Transcrição realizada pela aluna Josiany Sotolani, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

<http://artigoscidadadi.blogspot.com/2008/07/produo-social-da-identidade-no-discurso.html>>. Acesso em: 20 set. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Estética**: de Platão a Peirce. São Paulo: Experimento, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

## ANEXOS

### Anexo A: 'Algo Por Você' - Engenheiros do Hawaii

Hey, garota, não fique esperando o telefone tocar  
Os homens são o que são e são todos iguais  
O difícil é saber quem é clone de quem  
Hey, garota, não fique esperando o telefone tocar  
De volta ao passado, tecendo tapetes,  
Esperando o guerreiro voltar  
Já lhe fizeram sofrer demais  
Já lhe fizeram feliz demais  
Tá na hora de você mesma fazer  
Algo por você  
Só você pode fazer  
Hey, garota, o dia já passou, não deixe a noite passar  
Passe um batom, ou não, e vá se divertir  
Você vai descobrir quem é clone de quem  
Hey, garota, faça um favor: não fique esperando  
Faça algo por você  
Hey, garota, faça um favor: não fique esperando  
Faça algo por você  
E só você pode fazer